

A cosmovisão de estudantes participantes numa pesquisa em Universidades Públicas Portuguesas

The worldview of students participating in a survey at Portuguese Public Universities

DOI:10.34117/bjdv7n5-288

Recebimento dos originais: 13/04/2021

Aceitação para publicação: 13/05/2021

Rúbia Salheb Fonseca Ferreira

Pós doutoranda e Doutora em Ciências da Educação
Universidade de Trás os Montes e Alto Douro.
Endereço: Quinta de Prados 5000-801 Vila Real- Portugal.
E-mail: rubiasalf@yahoo.com.br

Armando Paulo Loureiro

Doutor em Ciências da Educação
Escola de Ciências Humanas e Sociais, corpo docente. Universidade de Trás os Montes
e Alto Douro
Endereço: Quinta de Prados 5000-801 Vila Real- Portugal.
E-mail: aloureiri@utad.pt

RESUMO

Com o objetivo de identificar aspetos da visão de mundo dos estudantes Universitários. Utilizou-se abordagem qualitativa estudo Transversal, com recurso a entrevistas em relação a sua posição diante das chamadas 3 perguntas universais, e análise de conteúdo com recurso a nuvem de palavras. Amostra de um aluno de 10 das 13 universidades públicas portuguesas.

Palavras-Chave: Cosmovisão, Universitários, Alunos.

ABSTRACT

With the objective of identifying aspects of the worldview of university students. Utilizou-se abordagem qualitativa estudo Transversal, com recurso a entrevistas em relação a sua posição diante das chamada 3 perguntas universais, e análise de conteúdo com recurso a nuvem de palavras. Sample of one student from 10 of the 13 public Portuguese universities.

Keywords: Worldview, Universities, Students.

1 INTRODUÇÃO

A visão de mundo habita na cabeça ou no homem inteiro? Ela vive nas horas da proclamação ou ainda nas horas silenciosas do tempo particular da sua vida? Ele se utiliza dela ou se entrega a ela? O que vale é a responsabilidade

existencial da pessoa para se apossar de uma visão de mundo. (Buber, 1962, p.815)

Cosmovisão (visão geral de mundo). Da soma geral dos conhecimentos, os filósofos organizaram, sistematicamente ou não, uma espécie de panorama geral de todo o conhecimento, formando uma totalidade de visão, uma coordenação de opiniões entrelaçadas entre si. Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte, etc.); concepção ou visão de mundo (Etm. cosm(o) + visão). **Cosmo** – do grego kosmos significa ordem, oposto ao **Caos** (kaos), desordem. Que traduz as ideias de mundo, universo (J. Machado, 1967, p.712).

Schaeffer (2013), disse que a cosmovisão ” é o filtro através do qual uma pessoa enxerga o mundo” (J. Machado, 1967, p.712).

Dependendo do fundo em que uma visão de mundo pousa, dependendo de que tipo de raízes ela tem, raízes de ar ou raízes de terra, decide-se o que afluí em direção a ela em termos de realidade nutritiva, decide-se o teor da sua realidade e daí, a confiabilidade da sua atuação. (Buber, 1962, p.814)

No mesmo sentido, Geisler e Bocchino (2003) afirmam que cosmovisão são as lentes pela qual as pessoas enxergam o mundo.

A cosmovisão é análoga à lente intelectual através da qual as pessoas veem a realidade e que a cor da lente é um fato fortemente determinante que contribui para o que elas creem acerca do mundo. Além disso, cosmovisão é um sistema filosófico que procura explicar como os fatos da realidade se relacionam e se ajustam um ao outro. Uma vez reunidos os componentes da lente, ela focalizará o plano geral da realidade que dá a estrutura na qual as partes menores da vida se harmonizam. Em outras palavras, a cosmovisão dá forma ou colore o modo que pensamos e fornece a condição interpretativa para entender e explicar os fatos de nossa experiência. (Geisler & Bocchino, 2003, p.53)

A educação, como qualquer outra atividade humana, não pode escapar do domínio da metafísica, pois metafísica é o estudo da realidade definitiva, é fundamental para elaboração de qualquer conceito de educação e a variação das crenças metafísicas conduz a uma abordagem educacional diferente e até mesmo a sistemas educacionais divergentes. Uma das questões da metafísica é o aspeto cosmológico e a cosmologia, que segundo Knight (2001), consiste no estudo das teorias sobre a origem, natureza e o desenvolvimento do universo como um sistema ordenado.

O termo “visão de mundo”, sinônimo de “cosmovisão” ou no alemão “Weltanschauung”, designa uma maneira geral de conceber o mundo ou uma perspectiva

sobre este mundo (Pessoa Junior, 2006). Crema (1989), define cosmovisão, dizendo que além de significar uma visão ou concepção de mundo, expressa também uma atitude frente ao mesmo. Portanto, não é uma mera abstração, já que a imagem que o homem forma do mundo possui um fator de orientação e uma qualidade modeladora e transformadora da própria conduta humana. Implícito em toda cosmovisão há um caminho de ação e realização. Segundo M. Santos (1955), com essa sistematização lhes é possível formular, não só uma opinião geral de todo o acontecer, mas também compreender e relacionar um fato individual com a visão geral formulada do todo. No mesmo sentido, Sire (2009) refere que :

Poucas pessoas possuem algo que se aproxime a uma filosofia articulada, pelo menos como demonstrado pelos grandes filósofos. Menos pessoas ainda possuem uma teologia cuidadosamente construída, porém, todas possuem uma cosmovisão. Sempre que refletimos sobre alguma coisa, desde um pensamento casual (onde será que deixei o relógio?) até uma questão profunda (quem sou eu?), estamos operando dentro de uma estrutura. De fato, somente a hipótese de uma cosmovisão, ainda que seja básica ou simples, é que nos permite pensar. (p.15)

Cosmovisão, segundo Mendes (2012), é a estrutura por meio da qual a pessoa entende os dados da vida. Uma cosmovisão influencia de forma decisiva o modo como a pessoa vê Deus, as origens, a questão do mal, a natureza humana, os valores e o destino.

Santos (1955) exemplifica os componentes inerentes à cosmovisão “Além das cosmovisões fornecidas pela ciência e pela filosofia, pode-se também enumerar as determinadas pela psicologia, pela raça, pela classe social, pela cultura histórica, bem como as fornecidas pela biologia, pela matemática, pela física” (p.19). Buber (1962) não via possibilidades de fazer um trabalho de formação isento de visão de mundo. Em concordância, Rohr (2013) reforça que o trabalho educacional fundante é responsável pelo processo em que o membro de uma visão de mundo se decide por ela, em que se familiariza com ela, em que busca aprofundar esses conhecimentos de tal maneira que ele se identifica com as repercussões que essa visão nele provoca, na concretude da sua vida. Alguém pode nascer e crescer numa visão de mundo. Pode-se socializar e aculturar nela. Mas se ele não passa por um momento em que ele mesmo se decide por ela, ela não é verdadeiramente dele. Ele precisa se apropriar dela no sentido de reconhecê-la como sua, sentindo-se autêntico consigo nessa vivência. Como Buber (1962) ainda exemplifica que o trabalho formativo educa os participantes de todas as visões de mundo para a

autenticidade e verdade. Ele educa todos para levar a sério a própria visão de mundo, partindo da autenticidade do fundo e indo em direção à verdade do alvo.

Não conseguimos excluir-nos a nós próprios. Nós transportamo-nos sempre a nós mesmos, com a nossa situação histórica, a nossa experiência concreta de nós e do mundo, o nosso horizonte de compreensão. A pré-compreensão concreta que daí resulta, ainda que seja possível, não deve ser eliminada. Ela é a condição indispensável para podermos perguntar pelo homem. (Coreth, 1988, p.19)

Segundo Pestalozzi, cit. por Incontri (1997), sobre as crenças, a religião moral, é aquela que conduz à autonomia moral, pois representa a valorização da interioridade e integridade, através do reconhecimento da essência divina presente em cada ser humano e da proposta de um estilo de vida responsável e autônomo.

A sociedade e as religiões há séculos vêm interagindo entre os universos que envolvem seus adeptos, invocando limiares que vão desde a concepção dogmática à condução do comportamento social. (Beatriz et al., 2021,p.3)

A religião moral definida por Pestalozzi é aquela que propicia a liberdade de não escravizar-se aos próprios instintos e a autonomia de transcender a moral social, permitindo ao ser humano agir responsabilmente conforme a única moral verdadeira e possível que é aquela assumida pela consciência individual.

Em linha com a CRP, a LBSE afirma, nos artigos 3º e 4º, que um dos princípios norteadores do sistema educativo é: “b) contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico” (p.6). De acordo com a publicação *Global competency for an Inclusive World* (OCDE, 2016), a competência global requer numerosas habilidades/aptidões, incluindo a capacidade de compreender crenças e sentimentos de outras pessoas, e ver o mundo de acordo com as suas perspectivas.

Pode resumir-se dizendo que cosmovisão (visão de mundo) é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo ou de toda uma sociedade. Essa orientação abrange sua filosofia natural, seus valores fundamentais, existenciais, normativos, suas emoções e sua ética, sua ideologia ou seja a imagem do mundo imposta ao povo de uma

nação ou comunidade, cosmovisão portanto, refere-se ao quadro de ideias e crenças pelas quais um indivíduo interpreta o mundo e interage com ele.

Portanto, esta pesquisa também analisou a cosmovisão dos estudantes centrada em suas crenças, pois, para compreender o que pensam e seus argumentos, é necessário, antes, ter em conta os conceitos que fundamentam e norteiam sua concepção de homem e de mundo e, desta forma, perpassam pelas crenças.

2 OBJETIVO GERAL

Identificar a cosmovisão dos estudantes participantes no estudo de universidades públicas portuguesas.

3 TIPO DE ESTUDO

Utilizamos no âmbito desta investigação:

1. **Abordagem Qualitativa, com recurso à entrevista.**

Breve Justificativa da utilização da metodologia mencionada acima:

- Utilizamos a metodologia **Qualitativa**, ao analisar as entrevistas aplicadas as amostras, por serem os grandes norteadores, mentores das práticas do dia-a-dia, responsáveis pelos planos curriculares e visão para à Universidade e futuro dos estudantes. Como ressalta (Morse,2007) “O laboratório do investigador qualitativo é a vida do dia-a-dia e não pode ser metido num tubo de ensaio, ligado, parado, manipulado ou enviado pelo esgoto. Portanto, o desenvolvimento, descrição e operacionalização da teoria são, frequentemente, os resultados.”
- **Fenomenológico**, pois como relata (Maanen, 1990) “O que a caracteriza em relação a outros métodos qualitativos, é que ela procura descobrir a essência dos fenómenos, a sua natureza intrínseca e o sentido que os humanos lhe atribuem”, assim como respalda (Fortin,2009) “A atenção dos investigadores incide sobre a realidade tal como é percebida pelos indivíduos” Foi exatamente esta a nossa intenção, identificar o perfil universitário porém através de seu feedback.
- **Entrevista**, “Apresenta a vantagem de incluir respostas mais elevadas, maior eficácia na descoberta de informações, custo pouco elevado, respostas obtidas rapidamente e forte taxa de respostas assegurando uma melhor validade dos dados.” (Fortin,2009). Este instrumento se encaixou adequadamente ao objetivo desta pesquisa

que se propôs a obter informações dos estudantes participantes no estudo de 10 universidades públicas portuguesa quanto a sua visão de cosmovisão.

• **O Estudo Transversal**, como descreve (Harkness,1995) apud (Fortin, Filion, 2009) “O estudo Transversal consiste em examinar simultaneamente um ou vários cortes da população ou um vários grupos de indivíduos, num determinado tempo, em relação com um fenómeno presente no momento da investigação. Os processos considerados podem estar relacionados com a idade, com o crescimento, com o desenvolvimento pessoal, etc.” Por este motivo nosso estudo se caracteriza também como Transversal, pois os instrumentos de recolha de dados como a entrevista foi realizada uma só vez, em apenas um determinado tempo e desta forma não longitudinal.

4 PARTICIPANTES NO ESTUDO

Para o nosso estudo foi uma **amostra acidental e de conveniência por quotas**, como exemplifica (Fortin,2009) “A amostra acidental é formada por sujeitos que estão presentes num local determinado, num momento preciso e a técnica de quotas é utilizada para assegurar uma representação adequada de subgrupos ou estratos da população.” Exatamente como a proposta para esta pesquisa, onde foram entrevistados alunos que estavam naquela hora e naquele dia e somente para as quotas ou seja, utilizando-se 1 aluno do 3º ano de 10 das universidades públicas portuguesas, ou seja das 13 universidades publicas portuguesas, as universidades em estudo foram 10: Universidade do Algarve, Universidade de Aveiro, Universidade da Beira Interior, Universidade de Coimbra, Universidade de Évora, Universidade de Lisboa, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Universidade do Minho, Universidade do Porto e Universidade Nova de Lisboa.

	Universidades Públicas Portuguesas	Sede Principal	Região	Natureza	Fundação	Tipo
1	Universidade Aberta	Lisboa	Estremadura	Universidade	1988	Pública, não presencial
2	Universidade dos Açores	Ponta Delgada	Açores	Universidade	1976	Pública
3	Universidade do Algarve	Faro	Algarve	Universidade	1976	Pública
4	Universidade de Aveiro	Aveiro	Beira Litoral	Universidade	1973	Pública
5	Universidade da Beira Interior	Covilhã	Beira Baixa	Universidade	1986	Pública
6	Universidade de Coimbra	Coimbra	Beira Litoral	Universidade	1290	Pública
7	Universidade de Évora	Évora	Alto Alentejo	Universidade	1973 ^[13]	Pública

8	Universidade de Lisboa	Lisboa	Estremadura	Universidade	1910	Pública
9	Universidade da Madeira	Funchal	Madeira	Universidade	1988	Pública
10	Universidade do Minho	Braga	Minho	Universidade	1973	Pública
11	Universidade Nova de Lisboa	Lisboa	Estremadura	Universidade	1973	Pública
12	Universidade do Porto	Porto	Douro Litoral	Universidade	1911	Pública
13	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	Vila Real	Trás-os-Montes e Alto Douro	Universidade	1986	Pública

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Só porque o homem não se compreende totalmente a si mesmo. Só porque continua sendo para si próprio um enigma e um mistério, só porque o seu saber corresponde a um não saber e a sua autocompreensão é ao mesmo tempo incompreensão, pode e deve perguntar pelo que é próprio e específico do seu ser. (Coreth, 1988, p.11)

Os resultados respeitantes à análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos estudantes das 10 universidades públicas de Portugal, contexto deste estudo, serão apresentados por categoria e subcategoria.

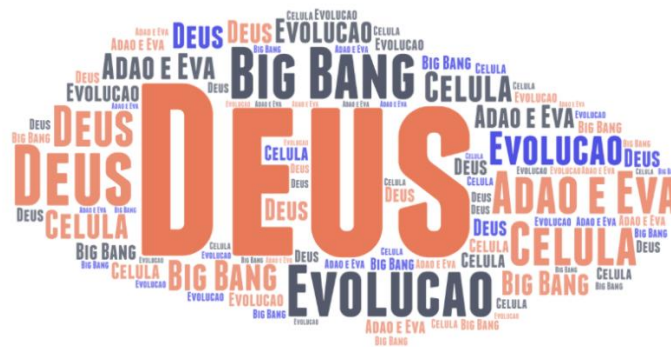
No total da amostra, a maioria dos estudantes era do sexo masculino, sendo 9 meninos e 1 menina, enquadravam-se no grupo etário dos 19-22 anos, eram todos solteiros.

As categorias foram pré-estabelecidas pela investigadora a partida e as subcategorias emergiram do discurso dos entrevistados.

Categoria 1: A origem do homem. (De onde viemos?)

Relativamente a esta categoria, no discurso dos entrevistados emergem subcategorias. A análise dessas subcategorias permite-nos verificar que a grande maioria das respostas se dividem entre Deus e Evolução. No entanto, apresentam algumas nuances como big bang, Adão e Eva e Células, de que os fragmentos das citações que se segue é mais expressiva:

Figura 1: A origem do homem. (De onde viemos?)



Coreth (1988), diz ser uma questão filosófica dos primeiros pensadores gregos acerca do arche panton, o princípio de todas as coisas. E que esta pergunta indica a tarefa que incumbe ao pensamento filosófico de todos os tempos, ou seja, interrogar tudo acerca do seu princípio. Diz ainda que esta pergunta é feita a partir do homem e por causa do homem e feita para analisar toda a realidade em que o homem se experimenta a si mesmo, e reconhecer assim o seu próprio lugar e a sua missão nessa totalidade do ser. O autor refere que, independentemente do modo como esta pergunta é feita ou a ela se responde, a verdade é que esta pergunta constitui uma afirmação acerca do próprio homem e do modo como ele concretamente se entende no seu mundo, na história e no conjunto da realidade. “Tudo que sabemos do homem, tudo que cada um dos homens sabe de si mesmo, não corresponde ao homem. Aquilo a que o homem está ligado, aquilo com que o homem se debate não identifica o homem. Sua origem propõe-lhe um problema” (Jaspers, 1965, p.48).

Categoria 2: O futuro da humanidade? (Para onde vamos?)

Quanto ao argumento dado pelos entrevistados sobre sua visão sobre o futuro da humanidade indicam uma visão de futuro que caminha para um fim, não muito otimista.

Figura 2: O futuro da humanidade? (Para onde vamos?)



Estes resultados ou até mesmo o interesse desta parte da pesquisa vão em direção ao que diz Rohr (2013), “a busca de um sentido da vida humana não pode excluir cogitações sobre o fim da vida, a morte, que faz parte da vida” (p.113). Bem como:

Não pretende-se afirmar uma verdade cientificamente sustentável e muito menos ofender alguém nas suas crenças pessoais. Trata-se de reflexões que levantamos em termos de hipóteses, num sentido de possibilidades de pensamento que, enquanto tais, abrem perspectivas de análises de uma realidade. Se não queremos abrir mão de visar a plenitude do humano na sua formação, precisamos procurar respostas às angústias que se geram em torno da distância entre a plenitude como meta da formação humana e a finitude da existência humana na terra. (Rohr, 2013 p.114)

Para Viktor Frankl, médico neurologista e psiquiatra, doutor em filosofia, sobrevivente em quatro campos de concentração durante a II Guerra Mundial, é referência na literatura que trata a questão do sentido da vida do ser humano, o autor refere que questionar-se sobre o sentido de vida consiste no que há de mais humano no homem, demonstrando um sintoma de amadurecimento à medida que, ao fazê-lo, o indivíduo não se limita aos ideais e valores pré-existentes (tradicionais), mas tem a coragem de buscar um sentido pessoal para seu existir (Frankl, 1989).

Categoria 3: O propósito da sua existência.

Quando indagados sobre o “propósito da existência”, percebe-se uma visão diversificada, indo desde não sei, até ajudar aos outros ou desenvolvimento pessoal.

Figura 3: Qual o propósito da sua existência?



O estudo ou reflexão desta temática na educação ou ensino, é defendido por Rohr (2013):

A vida humana é reorientada a assumir a inteireza das suas dimensões e é inaugurado um novo olhar sobre a educação, que caracteriza a composição do que se pode denominar de meta educacional, a qual apresenta como escopo fundamental ajudar o educando a realizar o sentido da própria vida. (p.158)

Nesta mesma linha de pensamento, Coreth (1988) refere que “o homem vive no mundo e pergunta pelo sentido da sua existência. É uma velha pergunta da humanidade que não pode ser reduzida ao silêncio” (p.223). O autor ainda destacou que para Marx, que compreendia o homem só como um conjunto de relações sociais, a questão do sentido da vida era um preconceito burguês que o socialismo tinha de superar. Porém, Coreth, afirmou que o indivíduo não é só parte de um todo, nem pode ver o seu sentido na submissão a um processo histórico. E se esta resposta pode bastar enquanto um tem um trabalho que o satisfaz e lhe dá um sentido, o que é que acontece quando tem uma doença incurável e já não pode trabalhar? E que é que acontece quando tem dores fortes e não consegue ver nelas sentido algum? E o que é que acontece quando caminha ao encontro de uma morte certa? Pode esse sentido, de ser uma função da sociedade, explicar satisfatoriamente o sentido da existência humana? (Coreth, 1988). Para o autor não se trata só da existência individual; também está em jogo o sentido de toda a história da humanidade, porque, a partir do momento em que pensamos onde está o sentido de todos os esforços e de lutas fracassadas, sangue derramado inutilmente, dores e lágrimas derramadas em segredo, injustiças sofridas até agora e ainda não reparadas? Em sua visão,

então, o homem está orientado em relação a um fundamento e sentido absoluto. Portanto, Coreth (1988) defende o propósito da existência da seguinte forma:

O homem acha-se perante o problema de um fundamento absoluto de sentido, problema este a que não pode fugir. Por este fato se dá sempre uma autêntica experiência de sentido a partir da fé em Deus. Constitui-se assim a partir da fé em Deus vivida e sentida um novo mundo intelectual. Isto mostra que a verdadeira origem e que o lugar existencial do problema de Deus, da fé em Deus, se encontra na questão do sentido da existência humana e que a experiência de sentido só em Deus alcança o seu fundamento último. (p.229)

No quadro 1 é apresentado o resumo das categorias e subcategorias descritas anteriormente

Quadro 1: Resumo das categorias e subcategorias da entrevista

Categorias	Subcategorias
1. A origem do homem	Entrevistado 1) Big Bang e Deus Entrevistado 2) Big Bang Entrevistado 3) não sei Entrevistado 4) Evolução Entrevistado 5) Célula Entrevistado 6) fonte-Deus Entrevistado 7) Adão e Eva Entrevistado 8) Adão e Eva e Evolução Entrevistado 9) Evolução Entrevistado 10) Ser divino
2. O futuro da humanidade	Entrevistado 1) Extinção Entrevistado 2) morte Entrevistado 3) destruição Entrevistado 4) caos Entrevistado 5) conquista de outros planetas Entrevistado 6) regresso a fonte Entrevistado 7) imortalidade Entrevistado 8) destruição Entrevistado 9) Explorar outros planetas Entrevistado 10) Nirvana, evoluir.
3. Propósito da existência	Entrevistado 1) chegar aos seres superiores Entrevistado 2) sustentabilidade Entrevistado 3) viver, divertir e aprender Entrevistado 4) uma vasta gama de probabilidades Entrevistado 5) não sei Entrevistado 6) crescimento e desenvolvimento espiritual e pessoal Entrevistado 7) deixar uma marca em alguém Entrevistado 8) ajudar os outros Entrevistado 9) apenas viver Entrevistado 10) estou a procura

6 CONCLUSÃO

Pudemos identificar a argumentação dos estudantes sobre a sua posição relativamente à cosmovisão em relação a origem do homem, divide-se entre Evolução e Deus.

Sobre a visão de futuro, para onde vamos?, identificamos em maioria uma visão não muito otimista mais de fim absoluto (extinção), caos e destruição.

Sobre o propósito da existência uma visão bem diversificada, em maioria não sei, dos que andam a procura do seu propósito para esta vida e os que pensam em se desenvolver, se divertir e ajudar os outros.

Pudemos ter uma mínima noção da visão dos alunos entrevistados participantes neste estudo, de norte a sul do país em relação a sua posição diante das chamadas 3 perguntas universais, da qual todos procuramos uma resposta e todos independente de ser certa ou errada devemos ter nossa posição e convicção.

Nota-se, portanto, a necessidade e relevância de uma abertura para que as universidades possam propor um espaço, disciplinas transversais, desenvolvendo os valores, em respeito ao ser holístico que é o estudante, oferecendo também uma educação que seja harmônica, com visão para o crescimento físico, emocional, espiritual e ajudando os estudantes a ter convicção de suas crenças ou até mesmo saberem no que acreditam, portanto, é importante um currículo que não seja somente intelectual.

REFERÊNCIAS

- Amado, J.S.(2000). “A tecnica de analise de conteúdo.”, Revista Referencia, 5,53-63.
- Barreto, M (2006). Teoria e Pratica de uma Educação Integral. Salvador: Sathyarte.
- Beatriz, B., Soares, C., Susana, L., Arrazola, D., Recife-pe, B. V., Alice, M., ... Viagem, B. (2021). Fé , consumo e gênero : reflexões sobre os discursos de vlogueiras gospel Faith , consumption and gender : reflections on the discourses of female gospel vloggers. Brazilian Journal of DevelopmentISSN: 2525-876133477Brazilian Journal of Development, 7, 33477–33489. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n4-009>
- Carmo, H; Ferreira, M.(1998) Metodologia da investigação. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cazau, P. (2006). Introduccíon a la investigacion en ciencias sociales (3a ed.). Buenos Aires.
- Chevrier, J. (2003).Investigação social: da problemática à recolha de dados (3a ed., pp 64-95). Loures: Lusociência.
- Crema, R.(1989). Introdução à Visão Holística: Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. 2.ed., São Paulo: Summus, p. 17.
- Delors,J (1996).Educação um tesouro a descobrir. Unesco. Lisboa.(2a ed)Edições ASA.
- Edgar, Faure (1972). Aprender a ser. Lisboa. Bertrand.
- Fava, Rui (2012) Educação 3.0: Como ensinar estudantes com culturas tão diferentes. Cuiabá: Carlini e carniato editorial
- Ferreira, J. A. & Hood, A. B. (1990) Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial de estudante universitário. Revista Portuguesa de Pedagogia, 24,391-406.
- Fortin, M.-F. (1999). O processo de investigação: Da concepção à realização. Loures: Lusociências, Edições Técnicas e Científicas.
- Fortin, M.-F. (2003). O processo de investigação: Da concepção à realização. Loures: Lusociências, Edições Técnicas e Científicas.
- Fortin, M.F; Coté.J; Fillion.F. (2009). Fundamentos e etapas do processo de investigação. Loures: Lusodidática.
- Gauthier, B. (2003). Investigação social: da problemática à recolha de dados (3a ed.). Loures: Lusociência.
- Giddens, A.(1994). Sociologia. Madrid: Alianza Universidad Textos.
- González Rey,F.(2005).Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Imbernon,Francisco(ORG)(2000). A educação no século XXI: Os desafios do futuro imediato. 2.ed.Porto Alegre: Artes Medicas.

Jean Marie de Ketele; Xavier Roegiers.(1998). Metodologia de recolha de dados. Lisboa:Instituto Piaget.

Kerlinger, F. N. (1980). Metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: EPU.
Lobrot, M (1992). Para que serve a escola?Lisboa: Terramar.

M.J.Sousa; C.S.Baptista.(2011). Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios. 4.ed. Lisboa: Pactor.

Marconi, M: Lakatos, Eva Maria.(1999). Técnicas de pesquisa. 4.ed.Sao Paulo: Atlas.
Maslow, A. (1962).Introdução à psicologia do ser. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.

Morin.Edgar. (1999)Os sete saberes para a educação do futuro. Lisboa. Horizontes Pedagógicos.

Morse, Janice, M.(2007). Metodologia de Investigação qualitativa. Coimbra: Formasau.

Pagan, A.(2009). Ser (animal) humano: Evolucionismo e Criacionismo nas concepções de alguns graduandos de Ciências biológicas. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação de São Paulo.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. van. (2008). Manual de investigação em ciências sociais (5a ed.). Lisboa: Gradiva.

Rubin, I. S., & Rubin, H. J. (2004). Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data (2a ed.). Thousand Oaks: SAGE.

Sabino, C. A. (1992). El proceso de investigación / Carlos A. Sabino. Caracas: El Cid Editor.

Santos, M. F. dos.(1955). Filosofia e Cosmovisão (Introdução à Filosofia e Visão Geral de Mundo). 2. ed., São Paulo, Logos, p. 123.

Sampieri, R., Fernández-Collado, C., & B. Lucio, P. (2006). Metodología de la investigación (4a ed.). México: McGraww-Hill Interamericana.

Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. Ciência & Saúde Coletiva, (001), 187-192.

Sousa, A. B. (2005). Investigação em educação. Lisboa: Livros Horizonte.

Vala,J.(1986). "A análise de conteúdo", in: SILVA,A.S; PINTO,J.M.(orgs) Metodologia das ciências sociais. Porto: Afrontamento.

Vogt, W. P., & JOHNSON, R. B. (2011). Dictionary of statistics & methodology: A nontechnical guide for the social sciences (4o ed.). Sage Publications, Inc.

Williams, M., & Vogt, W. P. (2011). The SAGE handbook of innovation in social research methods. London: Sage Publications Ltd.

Wiseman, J.P e Aron, M,S.(1972). Field Reports in Sociology, Londres: Transworld Publishers.